

+museu

Boletim do Museu Municipal de Palmela | n.º 28 - nov. 2023/mai. 2024

Editorial

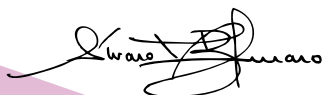
As cores de outono fazem-se anunciar e, com elas, um novo ciclo na vida das famílias e organizações. Crianças, jovens e docentes regressam à escola, os novos projetos e ações são desenhados e orçamentados, as expectativas são elevadas. E neste novo ciclo abundam os valores de Abril. Em 2024, assinalam-se os 50 anos da Revolução de Abril e as comemorações do cinquentenário estão, já, a decorrer no Município de Palmela, sob o mote "Abril para Já!". Como não poderia deixar de ser, o Serviço Educativo do Museu e Biblioteca programou, a este propósito, um conjunto de projetos a desenvolver com a Comunidade Educativa. O "Livro Livre", dirigido às Escolas Secundárias, é um desses projetos e assenta na recolha de memórias e na visita de locais emblemáticos. Para que Abril se cumpra!

Recuando no tempo, o primeiro artigo deste Boletim fala-nos dos testemunhos parietais que a arqueologia deteta no decurso dos trabalhos de acompanhamento das obras nos edifícios do Centro Histórico de Palmela. Muitas vezes, entaipados por detrás do reboco, encontram-se portais e armários que deixam vislumbrar outros tempos. Estes testemunhos não são suficientes para inferir conclusões; antes apontam caminhos para o processo de conhecimento, sempre longo e complexo. Não obstante, representam mais um passo para a compreensão que temos da sociedade. O acompanhamento arqueológico é, por isso, fundamental. Porque se tratam de registos frágeis, cuja destruição, acidental ou propositada, suprime de forma irrevogável um trecho da nossa história.

A ação humana tem a maior influência no mundo. As alterações climáticas, provocadas pelo comportamento coletivo e individual, têm um impacto cada vez mais evidente e os cenários que se perspetivam são preocupantes. Hoje, é possível equacionar que os prados verdes, repletos de vida, venham a ser objeto de fruição científica. É urgente agir e um dos artigos desta edição aborda, precisamente, a necessidade premente de introduzirmos novas práticas na salvaguarda do património cultural, à mercê das condições meteorológicas extremas. É, também, papel dos museus compreender estes fenómenos, traduzindo-os, dando-lhes legibilidade, e sensibilizar os seus públicos para uma cidadania ativa.

Os museus são, sobretudo, espaços de encontro. De encontro entre o passado e o presente, com olhos postos no futuro. De encontro entre pessoas, quer por via das memórias, quer como lugares de diálogo, reflexão e questionamento. De encontro entre patrimónios enquanto testemunhos de uma sociedade lata, no tempo e na diversidade. E por tudo isto, os museus têm de ser espaços onde cabem todas as pessoas. A inclusão passa por derrubar barreiras arquitetónicas, tanto quanto por disponibilizar informação de modo acessível - seja por meio do discurso expositivo, dinamização de atividades ou desenvolvimento de projetos, seja pela criação de recursos pedagógicos inclusivos. Neste número do "+museu", sublinhamos, assim, a importância de trabalharmos, cada vez mais, por um território inclusivo, de e para «todas/os».

O Presidente da Câmara



Álvaro Manuel Balseiro Amaro



20
anos juntos

Edição
Especial
Aniversário

Em investigação...

2 | ENTRE PORTAIS E ARMÁRIOS ENTAIPADOS. NOVOS TESTEMUNHOS ARQUEOLÓGICOS NO CENTRO HISTÓRICO DE PALMELA.

Os testemunhos que se apresentam sucedem da intervenção arqueológica realizada num edifício que integra o gaveto de um dos quarteirões da vila de Palmela, situado entre a Rua Mouzinho de Albuquerque e a Rua da Ladeira (Fig. 1). A intervenção ocorreu no âmbito do projeto para a reabilitação de um edifício de habitação de dois pisos e telhado de três águas (30 m²), com um pequeno corpo anexo (15 m²) de três pisos e telhado de uma água, outrora separado do restante espaço através de uma parede com arcos de suporte no piso térreo. Em complemento, a sul deste corpo, visto da Rua da Ladeira, com o número 17, localiza-se uma habitação com uma pitoresca escada de tiro percecionada na cartografia militar de início do século XIX e nos primeiros registos fotográficos que abrangem a vila palmelense a partir do Parque Venâncio Ribeiro da Costa (Fig. 2-3), permitindo rapidamente localizar o edifício em estudo.

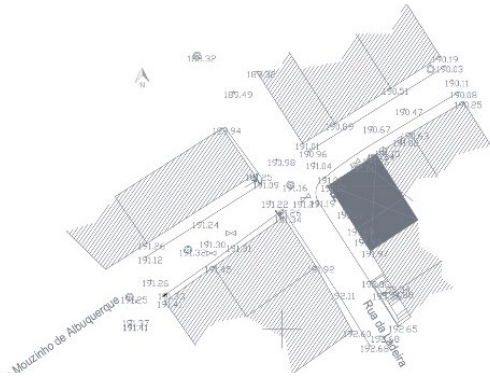


Fig. 1: Planta topográfica com implantação urbana do imóvel em estudo.

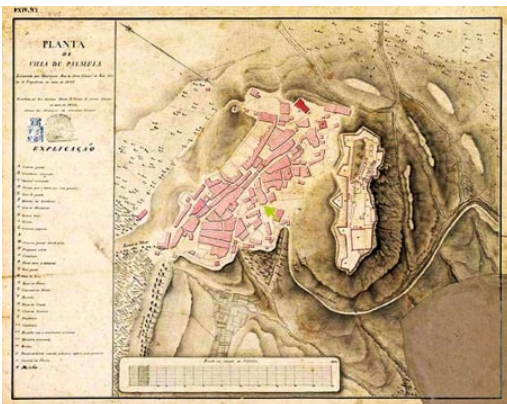


Fig. 2: Planta da villa de Palmela /levantada por Maximiano José da Serra, Coronel do Real Corpo de Engenheiros, no anno de 1806; deenhada por José Antonio Morão, 2.º Tenente do mesmo Corpo, no anno de 1820, debaixo das direcções do sobredito Coronel (Fonte: Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, PTGEAM/DIE-4741-3-34-47), com localização do imóvel em estudo.



Fig. 3: Vista da vila de Palmela a partir do Parque Venâncio Ribeiro da Costa, s.d. (final do século XIX ou início do século XX) (Arquivo Municipal de Palmela), com localização do imóvel em estudo.

Os trabalhos arqueológicos, mesmo que condicionados pela acentuada degradação e consequente instabilidade estrutural do edifício, corresponderam à escavação de 16 m², compreendendo uma área com 4,40 m de largura máxima por 5,08 m de comprimento máximo (Fig. 4). Neste âmbito, destaca-se o desmonte parcelado da zona de combustão e respetiva chaminé, com azulejos embutidos azuis e brancos apresentando motivos iconográficos variados do século XVIII e, com motivo designado *bicha da praça*, do século XIX², para além da restante sondagem arqueológica que revelou elementos fundacionais do corpo edificado atual e a ausência de testemunhos estruturais pré-existentes.

Em simultâneo, promoveu-se o levantamento de 14 sondagens parietais, ou a cota positiva, cada uma com dimensão de 1 por 1 m (Fig. 5). Estas permitiram, entre outros aspetos, reconhecer que houve uma separação precoce do imóvel virado para a Rua Mouzinho de Albuquerque com os números 15 e 17, e que foi acrescentado, posteriormente, um andar em ambos os edifícios, talvez aquando da sua separação. Tal facto foi constatado com efeito na observação da antiga linha de telhado, em telha mourisca, durante a picagem da parede central, assente nos referidos arcos. Posteriormente, procedeu-se ao acompanhamento arqueológico de determinados procedimentos com vista à execução do projeto, nomeadamente aqueles tidos como medidas de minimização de impactos aquando da realização dos trabalhos arqueológicos prévios e aqueles que colocassem em risco qualquer testemunho arqueológico preservado. Neste sentido, foi possível promover uma análise mais abrangente do edifício.



Fig. 4: Aspetos dos trabalhos de desmonte da estrutura de combustão, dos arcos e planos dos trabalhos arqueológicos de diagnóstico.



Fig. 5: Planos e aspetos das sondagens parietais e de telha mourisca levantada aquando do desmonte da parede central assente nos arcos (sondagem parietal 14).

A meio caminho entre o Largo d'El Rei D. João I, possível rossio da Idade Moderna onde conf uía o caminho para Setúbal e Alcácer, e a tardo-medieval Rua da Corredoura, por onde se deslocavam os comerciantes e suas mercancias (Costa, 2016); o imóvel em apreço implanta-se ainda próximo do Mercado Velho, zona de elevada sensibilidade arqueológica, revigorada pelos trabalhos arqueológicos no Espaço Cidadão e pelos restantes testemunhos desta vila no centro de conf uência da região interestuarina do Sado-Tejo (Fernandes e Santos, 2012; Nunes et al., 2022). Não obstante, a localização do edifício a meia encosta (provocativa, aliás, do topónimo Rua da Ladeira), proporcionou a revelação de níveis sem evidência de ação humana, referentes aos arenitos e calcarenitos de pinhal e Castelo de Palmela, muito compactos e de tonalidade amarela, aquando da escavação. Mais exatamente a uma profundidade máxima de 55 cm e sensivelmente maior de nordeste para sudoeste – acompanhando a encosta.

No mencionado nível geológico, parcialmente coberto por um f no sedimento escuro com abundante ocorrência de carvões, denunciativo de intenso momento de combustão, foram implantadas as fundações do edifício; e terão sido escavadas cavidades irregulares associadas à aplicação das paredes divisórias em tabique de tábua ao alto, fasquiado e argamassado, possivelmente implantadas por ocasião de uma reformulação após o terramoto de 1755. A propósito dos efeitos do terramoto de 1755, em Palmela, João Carlos de Almeida Carvalho, entre 1840 e 1897, observa que “as casas pariculares padeceram mais ou menos, muitas porem abriram grandes rachos [fendas] nas paredes e as chaminés desabaram” (PT/ADSTB/PSS/APAC/O/0005_m0003). Neste âmbito, além de uma inscrição em relevo com a data de 1758 (Fig. 6), identif cada previamente ao começo dos trabalhos arqueológicos num dos alçados, os materiais arqueológicas recolhidas (Fig. 7), como moedas e fragmentos cerâmicos, em concordância, não permitiriam avançar com uma ocupação prévia à centúria de setecentos, enquadrando-se principalmente entre os séculos XVIII e XX.

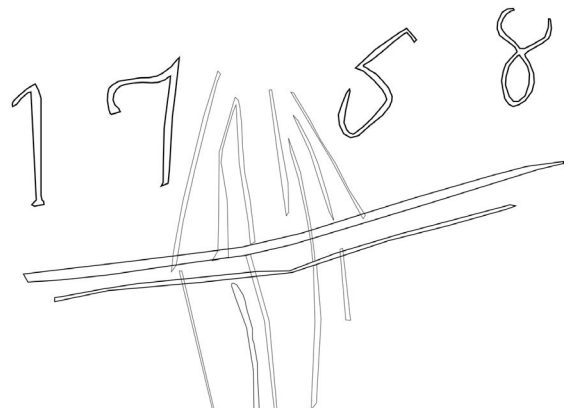


Fig. 6: Registos fotográf cos de inscrição cronológica 1758 em relevo (cortesia de João Paixão, 2021) e registo gráf co do suporte digital previamente sobreposto.



Fig. 7: Amostragem de materiais arqueológicos (de cima para baixo e da esquerda para a direita: espólio recolhido aquando do desmonte da estrutura de combustão; espólio numismático da totalidade da intervenção; espólio ilustrativo dos níveis mais recentes – século XIX/XX; espólio ilustrativo dos níveis mais antigos – século XVIII?).

1Estes arcos irregulares, extensíveis a outros pontos do quarteirão pela mesma orientação, são característicos de edifícios tardo-medievais a modernos, como forma de conseguir vãos com dimensões adequadas ao estabelecimento de artesãos, comerciantes e armazenistas e dando resposta às exigências de segurança contra incêndios e de salubridade impostas pela Carta Régia de 1499 (Fagulha, 2016: 30-31).

2Aquando do desmonte da estrutura de combustão foram levantados, para além dos azulejos embutidos na chaminé pertencentes ao proprietário do imóvel, 69 fragmentos de azulejos setecentistas aplicados juntamente com terra e outros objetos em menor número aquando de um melhoramento ou reformulação da referida estrutura de combustão, tendo-se levantado um primeiro enchimento seguido de uma placa cerâmica esquadrejada igual à então existente sobre a qual se terá feito também fogo, seguindo-se um novo enchimento assente em duas grandes pedras com evidência de exposição ao fogo, enterradas no substrato, consistindo estas numa primitiva estrutura de combustão, tal e qual como reconhecida noutras casas tradicionais mais rústicas de sul a norte de Portugal (Oliveira e Galhano, 1992).

Em oposição, o posterior acompanhamento da remoção integral do reboco em mau estado de conservação das paredes nordeste e sudeste, revelaram decisivamente a ocorrência de um portal com arco em volta perfeita em alvenaria de tijolo no piso térreo da parede nordeste; no piso superior da mesma parede foram identificados dois outros portais entaipados, um referente a lintel e ombreiras em pedra e outro com lintel e ombreiras em alvenaria de tijolo (Fig. 8). Todos estes acessos entaipados são chanfrados, o que pode remeter para uma cronologia entre os séculos XV e XVI, assim como o armário de parede no segundo piso da parede sudeste, o qual se pode tratar hipoteticamente de um *hekhal*, evidência de criptojudaísmo, uma vez que cumpre alguns dos preceitos estabelecidos (como a sua orientação) e apresenta paralelos formais (parte superior trapezoidal) em Castelo de Vide e Monforte (Mendes, 2018: 262-263, 275). Ainda assim, este imóvel não se situa nas áreas propostas para a(s) judiaria(s) da vila de Palmela (Costa, 2016: 308), e o facto de não se tratar de um elemento inédito do Centro Histórico (Nunes et al., 2022: 368 - CNS: 34919; CNS: 40030), pode eventualmente remetê-lo à condição de um elemento local/regional da arquitetura tardo-medieval e/ou moderna, ainda que a acumulação de camadas de cal e os preceitos indicados levantem questões que se mantêm em aberto. De qualquer modo, ressalva-se que os modelos estilísticos em elementos arquitetónicos perduram com maior intensidade em áreas menos movimentadas e/ou urbanizadas, em particular quando não se tratam de obras de cariz público, mas antes operações artesanais de tradição, herdadas de pais para filhos.



Fig. 8: Aspectos gerais dos elementos arquitetónicos identificados (elementos parietais na parede nordeste; portal com ombreiras e lintel em alvenaria de tijolo no piso superior da parede nordeste; armário de parede no piso superior da parede sudeste).

Por fim, assinala-se que não se tendo verificado intenção por parte do promotor na integração e musealização dos elementos registados, o seu acondicionamento e conservação foi efetuado *in situ*, elegendo a preservação dos elementos no seu local original, sem proceder ao seu desmonte, após o registo ortofotográfico integral (Fig. 9). Esta metodologia foi realizada através do levantamento topográfico e fotográfico das paredes nordeste e sudeste e a posterior aplicação de uma camada de pelo menos 3 mm de argamassa à base de cal-hidráulica pré-doseada, em toda a superfície dos elementos identificados, de acordo com as recomendações de especialistas de conservação e restauro, com a função de criar uma camada separadora e reversível do cimento projetado (Fig. 10).



Fig. 9: Ortofotografia do alçado sudoeste da parede nordeste e do alçado nordeste da parede sudeste (autores: Fábio Rocha e Sónia Cravo).

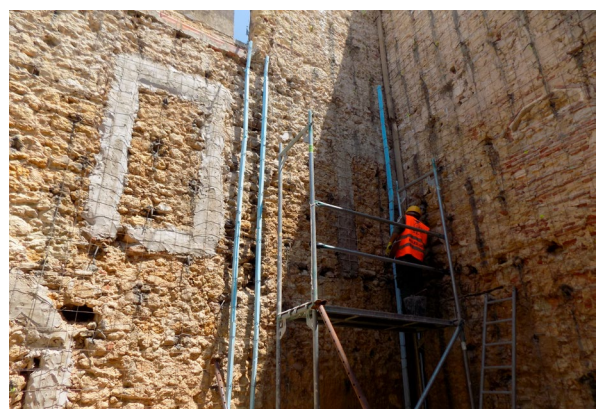


Fig. 10: Aspecto dos trabalhos finais de aplicação da argamassa à base de cal hidráulica pré-doseada por Jagdeep Singh na parede nordeste.

Sem embargo, os testemunhos patrimoniais presentemente divulgados expressam o desvendamento progressivo das dinâmicas evolutivas em resposta às adversidades impostas no edifício e, por extensão, na vila de Palmela. Por conseguinte, perceptivelmente alterado a partir da segunda metade do século XVIII, e até à atualidade, este foi reformulado devido à abertura de fendas profundas nas paredes e à deflagração de um incêndio em hipotética associação com catástrofe de 1755. Todavia, e de modo contínuo em relação à referida intervenção do Espaço Cidadão (Nunes et al., 2022), entre outras (CNS: 40030), manifestou-se uma pré-organização com elementos possivelmente quinhentistas deste quarteirão, o qual revelou uma compartimentação interna subtilmente distinta da atual. Não obstante, este primeiro apontamento demanda uma análise sistemática em sintonia com outras intervenções arqueológicas na vila de Palmela.



Miguel Martins de Sousa
Arqueólogo, ArqueoHoje, Lda.
Alumnus, Universidade Nova de Lisboa

Marina Évora
Professora Auxiliar, Departamento de Ciências Sociais e Gestão,
Universidade Aberta
Centro de Estudos Globais | Universidade Aberta
ICAREHB – Interdisciplinary Center for Archaeology and the Evolution of
Human Behavior | Universidade do Algarve, Faro

Bibliografia

- COSTA, J. T. dos S. (2016) - *Palmela. O espaço e as gentes (séculos XII-XVI)*, Lisboa: Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- FAGULHA, J. (2016) - *Reabilitação e conservação do património arquitectónico*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos - Secção Regional Sul. (Cadernos Técnicos; 4).
- FERNANDES, I. C. F.; SANTOS, M. T. (2012) «Carta Arqueológica do Concelho de Palmela», in FERNANDES, I. C. F. e SANTOS, M. T. (Coord.), *Palmela Arqueológica no Contexto da Região Interestuarina Sado-Tejo*. Palmela: Câmara Municipal/Museu Municipal, pp. 11-24.
- MENDES, P. (2018) «Os Hekhalot: Vestígios arqueológicos de um criptojudaísmo singular», in *Portvgalia: Revista de Arqueologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP*, 39. Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Património - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 253-278.
- NUNES, J.; PORFÍRIO, E.; SANTOS, M. T. (2022) «Quatro anos de intervenção arqueológica no Espaço Cidadão (Palmela). Os Principais Resultados e Algumas Questões», in *digitAR - Digital Journal of Archaeology, Architecture and Arts*, n.º 8. Coimbra: Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património, pp. 357-369.
- OLIVEIRA, E. V. de; GALHANO, F. (1992) - *Arquitetura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Etnográfica Press.

SUMÁRIO

1 | Editorial

2 | Em Investigação...
Entre Portais e Armários Entaipados. Novos testemunhos arqueológicos no Centro Histórico da Vila de Palmela

3 | Em destaque..
Crise Climática. Pensar sobre os efeitos das alterações climáticas no património cultural.
Museu - A Estação: uma viagem ao mundo dos comboios para todos os públicos
Um Livro aberto à Liberdade

4 | Património local...
As profissões na freguesia de S. Pedro de Palmela, no Caderno Eleitoral de 1921

6 | Em agenda...

7 | Publicações

CONTACTOS

Museu Municipal de Palmela – Divisão de Bibliotecas e Património Cultural (DBPC)
Câmara Municipal de Palmela
Largo do Município
2951-504 PALMELA
Telefone: 21 233 6640 | E-mail: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Palmela | Coordenação editorial:
Chefe de Divisão da DBPC
Colaboram neste número: Ana Margarida Bichinho, Helena Martins, Maria Teresa Rosendo, Marina Évora, Miguel Martins de Sousa, Michelle Teixeira Santos, Rui Assunção, Sandra Abreu Silva, Rute Regula (revisão de texto)
Design: Joana de Oliveira | Impressão: Regiset
ISBN: 927-8497-27-X | Depósito legal: 196394/03